

*“Oásis do Terror” - A ditadura brasileira e a
vigilância internacional: a Argélia nos Sumários do
Comunismo Internacional (1970-1973)*

DÉBORA STRIEDER KREUZ¹
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo: Com o golpe civil-militar de 1964 e a implementação da ditadura de segurança nacional no Brasil, organizou-se de maneira eficaz um amplo aparato repressivo para conter toda forma de resistência. O SNI produziu mensalmente os *Sumários do Comunismo Internacional* com vistas a informar diversos órgãos dos três poderes e da sociedade civil sobre o que ocorria em distintos locais do globo e que fosse considerado subversivo. O trabalho objetiva analisar tal informe, produzido entre os meses de junho de 1970 a setembro de 1973, destacando as informações produzidas sobre a Argélia. Tal país ganhou importância nesse cenário a partir de 1962, pois a partir da sua libertação em relação à França e a adoção de uma política externa não-alinhada aos Estados Unidos nem à União Soviética, tornou-se um polo receptor de exilados de várias partes do globo, inclusive da América Latina.

Palavras-chave: ditadura civil-militar; *Sumários do Comunismo Internacional*; Argélia.

Abstract: The civil-military coup in 1964 and the implementation of the national security dictatorship in Brazil, a large repressive apparatus was effectively organized to contain all forms of resistance. SNI monthly produced the “Summaries of International Communism” which aimed to inform different institutions of the public authorities and civil society about what happened in different parts of the world that they considered subversive. The purpose of this paper is to analyze these reports produced between June 1970 and September 1973, highlighting the information about Algeria. The African country gained importance in 1962 and, because its independence from France and the adoption of a foreign policy that was not aligned with the United States and the Soviet Union, it became a pole of receiving exiles from various parts of the globe, including Latin America.

Keywords: Civil-military dictatorship; Summaries of International Communism; Algeria.

Recebido em 28/06/2018 e aceito em 20/08/2019.

1 Doutoranda em História pela UFRGSO. Email: debora_kreuz@yahoo.com.br. O trabalho é orientado pelo professor Enrique Serra Padrós.

Introdução

Após o término da Segunda Guerra Mundial o mundo se viu polarizado pela Guerra Fria. As potências que emergiram do conflito – Estados Unidos e União Soviética - buscaram ampliar sua influência por distintos espaços do globo, de forma que o dualismo “capitalismo X comunismo” marcou as disputas políticas praticamente até o final do século XX. A América Latina não ficou imune a tal perspectiva: a partir de meados da década de 1960 o continente foi tomado por ditaduras que tinham como um dos principais objetivos combater o suposto inimigo comunista². Em 1964 um golpe civil-militar³ derrubou o presidente João Goulart e instaurou uma ditadura que perduraria até 1985, com a eleição indireta de um civil. Segundo Borges:

Em 1964 deu-se a tomada do poder pelos militares, numa bem orquestrada política de desestabilização que envolveu empresas nacionais e transnacionais, o governo americano e setores das Forças Armadas originários da Escola Superior de Guerra, que coordenavam as iniciativas dos conspiradores civis e militares. A necessária justificação ideológica para a tomada do poder e a modificação de suas estruturas foi encontrada na Doutrina de Segurança Nacional, [...] (2014, p.20).

A partir da lógica desencadeada pela Doutrina de Segurança Nacional (DSN)⁴, a perseguição sistemática as diversas formas de resistência, sejam

2. Falo em “suposto inimigo” pois, especialmente no caso brasileiro, o governo de João Goulart possuía apenas características reformistas, não se aproximando do comunismo. O governo ditatorial, ressaltado, preocupou-se em abrir o país ao capital estrangeiro, aliado, sobretudo, aos interesses estadunidenses.

3. Utilizo a nomenclatura “civil-militar” tendo em vista que amplos setores da sociedade civil participaram do processo que culminou na deposição de Goulart. Vide: DREIFUSS, 1981.

4. Para mais informações sobre a Doutrina de Segurança Nacional, consultar: PADRÓS,

pacíficas ou armadas, fez com que milhares de pessoas fossem presas, torturadas e, algumas centenas, assassinadas e desaparecidas, de maneira que até o presente, nenhum torturador tenha sido condenado criminalmente no Brasil. A DSN possuía entre um de seus pressupostos a noção de “fronteira ideológica”, de forma que o inimigo, diferente de um conflito entre Estados, estaria dentro da fronteira nacional. Contudo, mesmo após a sua saída do território, era necessário continuar a vigiá-lo, caso desejasse retornar. Assim, a produção de informações sobre o que acontecia nacional e internacionalmente, era muito importante para a vigilância sobre aqueles considerados perigosos para a segurança nacional.

Tendo em vista tal perspectiva, o presente texto objetiva analisar um documento produzido pelo Serviço Nacional de Informações⁵ (SNI) no período de junho de 1970 a setembro de 1973: o *Comunismo Internacional: Sumário de Informações*, mais conhecido por *Sumários do Comunismo Internacional*⁶. Buscarei, de forma central, compreender como tal relatório apresentava um país em específico: a Argélia. A escolha se justifica pelo fato de que, após a violenta guerra de libertação contra a França⁷, o país adotou uma postura política de não-alinhamento⁸, ou seja, não estava diretamente vinculado aos Estados Unidos e nem a União Soviética. Dessa forma, tornou-se um polo receptor de exilados dos mais diversos espaços do globo, inclusive

2014.

5. Para mais informações sobre a organização do aparato de informações e repressivo da ditadura, consultar: FICO, 2001.

6. Foram analisados os exemplares publicados entre junho de 1970 e setembro de 1973. Os mesmos encontram-se online e disponíveis para download no site do Arquivo Público de São Paulo.

7. Para compreender melhor a luta pela libertação, consultar: YAZBEK, 2010.

8. Tal política foi adotada por diversos países, especialmente após a Conferência de Bandung, em 1955.

do Brasil⁹. Miguel Arraes¹⁰, por exemplo, viveu 14 anos exilado no país, sendo, inclusive, consultor de negócios do governo argelino. Da mesma forma, os 40 banidos trocados após a ação de sequestro do embaixador alemão no Brasil foram enviados para lá¹¹. Assim, saber o que ocorria em tal espaço, especialmente a atuação daqueles considerados inimigos, suas estratégias de denúncia e articulação para o possível retorno ao Brasil, era de fundamental importância para o aparato repressivo. Assim, é importante compreender que o exílio, na grande maioria das vezes, foi visto apenas como um intervalo na luta contra a ditadura no Brasil, não significando o seu abandono.

O Comunismo Internacional e a produção de informações pela ditadura

Dentro da já mencionada DSN, a produção de informação sobre aqueles considerados inimigos possuía um papel central. Da mesma forma, havia a preocupação sobre o movimento comunista internacional¹², tendo em vista que na concepção vigente nos círculos de vigilância e repressão, a segurança em relação aos inimigos deveria ser realizada dentro e fora das fronteiras físicas da nação, pois estes estariam infiltrados em todos os setores sociais. O que importava eram as fronteiras ideológicas. O inimigo comunista, também era de conceituação flexível: desde reformistas até religiosos adeptos da Teologia da Libertação. Todos foram enquadrados

9. Como exemplo de exilados tem-se a figura do governador cassado pelo Ato Institucional nº1 Miguel Arraes e sua família. Da mesma forma, os 40 militantes trocados após a ação de captura do embaixador alemão em 1940, foram enviados para a Argélia.

10. Governador de Pernambuco, cassado pelo Ato Institucional nº1.

11. Realizada em junho de 1970. As ações de sequestro foram estratégias utilizadas por grupos de resistência para libertar companheiros que estavam nas prisões da ditadura.

12. Sobre o sentimento anticomunista e sua difusão, consultar: MÓTTA, 2010.

em tal categoria. Da mesma forma, com a eliminação de um setor, outro passava a ser visado, numa clara tentativa de dar sentido à própria existência dos órgãos repressivos.

Em 1970 passou a circular entre dirigentes, civis, militares e religiosos, um documento intitulado “Comunismo Internacional – Sumário de Informações”, o qual era de caráter mensal e teve circulação até setembro de 1973. Na publicação, que continha em média 120 páginas, eram detalhadas as atividades atribuídas ao movimento comunista internacional e nacional. Para Samways:

Durante aproximadamente três anos a Agência Central do Serviço Nacional de Informações buscou mapear os passos do comunismo não somente no Brasil, mas em todo o mundo. Persistia uma preocupação crescente com este movimento desde a África e Ásia, até seu alcance na América Latina, bem como a atuação de supostos comunistas no exterior e discursos contra o Brasil na imprensa estrangeira. (2014, p.91)

Os *Sumários* possuíam informações diversas, sempre preocupadas com a possível influência do movimento no país. Nesse momento é importante tecer algumas considerações sobre a fonte analisada: Daniel Samways (2014) demonstra que tais documentos estavam carregados de medo e paranoia anticomunista, produzidos a partir da lógica da Guerra Fria, onde o inimigo poderia estar em qualquer lugar. Dessa forma, muitas das informações eram, visivelmente, carregadas de preconceitos, exageros e também desconhecimento sobre os diversos matizes que caracterizam o comunismo, de maneira que a pecha de ‘comunista’ servia para caracterizar qualquer tipo de oposição à ditadura. A rearticulação do SNI durante o regime preocupava-se com a infiltração desse perigo. Nas palavras do autor:

O medo e a aversão aos seguidores da doutrina comunista fez

com que esses serviços vissem seu inimigo em praticamente toda a sociedade, a qual deveria então ser completamente vigiada e espionada, tudo em nome da ordem e da segurança nacional. Este vasculhamento da vida de milhares de cidadãos justificava-se em nome da defesa da nação. (2014, p.46).

Rodrigo Patto Sá Motta também mostra que a produção de informações era permeada pela real desproporção entre o que se imagina sobre o inimigo e a força que ele possuía realmente: “[...] as representações contra o comunismo divulgadas na sociedade contribuíram para ampliar a percepção da presença do ‘perigo’, gerando, por vezes, uma relação desproporcional entre a força efetiva dos revolucionários e o medo neles inspirado.” (2010, p. 20). Devemos avaliar tais excessos como frutos do contexto histórico, e também pelo próprio fato de que a existências das agências de produção de informações estava condicionada a existência e combate ao perigo. Assim, para além da preocupação com o que ocorria internamente, fazia-se necessário saber, e difundir, o que ocorria a nível internacional. Essa era a proposta dos *Sumários*.

Como já mencionado, sua difusão ocorria entre as autoridades civis, militares e religiosas do país, estas últimas as únicas fora da esfera governamental. Na primeira página havia o carimbo de confidencialidade e outro com a frase presente em praticamente todos os documentos produzidos pelos órgãos de informação e repressão: “A Revolução de 64 é irreversível e consolidará a Democracia no Brasil”. Na sequência do texto encontramos os órgãos que deveriam receber cópia do documento: chefes de gabinete do executivo, presidentes da Câmara e Senado Federal, alguns arcebispos, ministérios da Marinha, Exército e Aeronáutica, Divisões de Segurança e Informação (DSI) dos ministérios civis, para além das secretarias de segurança pública dos estados da federação. Ou seja, existia a preocupação para que todos que ocupassem postos-chaves soubessem a

ameaça que o comunismo representava e como se articulava nos distintos espaços do globo. Podemos supor que a difusão entre autoridades religiosas visava a que estas pregassem entre seus fiéis os perigos do comunismo e também as formas de identificá-los, de modo a denunciarem às autoridades competentes. Samways (2014) afirma que no decorrer do tempo, o número de destinatários foi crescendo, de forma que em junho de 1970 foram distribuídos 180 exemplares e em setembro de 1973, 268. Tal aumento pode ser explicado por uma maior preocupação em informar o que ocorria internacionalmente, de forma que quanto mais autoridades soubessem, maior poderia ser o efeito preventivo.

Na sequência do informe existia um espaço intitulado “Conheça o inimigo: o que ele faz e o que ele diz”, no qual estavam dispostas frases de indivíduos considerados comunistas e, portanto, subversivos. A título de exemplificação, no exemplar de março de 1971 encontramos as seguintes frases “Ser revolucionário é dever de todo cristão” e “Devemos apoiar tudo o que o inimigo combate e opor-nos a tudo que o inimigo apóia”. A autoria da primeira é atribuída ao padre Camilo Torres e a segunda a Mao-Tsé-Tung. Podemos interpretar que o uso de tais passagens, geralmente curtas, buscam apresentar de maneira simples ao leitor excertos do pensamento de autores considerados marxistas/comunistas¹³, de maneira que aqueles que conhecessem tais excertos poderiam ser acusados ou investigados enquanto subversivos. Nas páginas seguintes existia o “Calendário dos eventos comunistas”, onde datas tidas como importantes para o MCI seriam perigosas para a ordem nacional, de forma que os órgãos de segurança

13. Percebi que nos *Sumários* o marxismo é tratado como uma forma de pensamento única, sem divergências e matizes. Como já mencionado, a partir do conceito de inimigo interno todos aqueles que ofereciam qualquer oposição ao governo já recebiam o título de comunistas.

deveriam atentar para eventuais movimentações de grupos opositores. Como exemplo de tais datas temos as datas de nascimento de Lenin (22/04), Marx (05/05) e o Dia de Solidariedade Mundial Estudantil (24/04)¹⁴.

Após tais considerações se passava ao índice dos temas tratados na edição: poderiam ser “assuntos gerais”, onde se transcreviam textos, noticiavam-se encontros de autoridades; “movimento religioso”, nacional e internacional; “potências comunistas”, onde se informava o que ocorria especialmente na União Soviética e na China, e dados separados por continentes, “África”, “Ásia”. O espaço destinado à América Latina era o mais considerável, de forma que a preocupação com o que ocorria em Cuba e no Chile após a eleição de Salvador Allende era visível. As ações de resistência nos países do Cone-Sul que ainda não enfrentavam ditaduras, assim como a atuação de exilados brasileiros era encarada com preocupação.

É importante salientar que os *Sumários* não apresentavam a autoria dos textos, apenas o órgão que os editava – o SNI. Percebe-se assim que o uso de tal estratégia buscava dar um caráter de imparcialidade à publicação. Contudo, os valores dos autores, anticomunistas na essência, faziam-se presentes Para Samways:

Ao longo de *Comunismo Internacional*, pode-se perceber uma quantidade de informações de grande amplitude. Em suas páginas o autor, mesmo que desconhecido, deixa suas marcas e sua visão de mundo. A forma como observa essa realidade, marcada muitas vezes pela imaginação de um inimigo muito maior e onipresente, está ali, diante dos olhos do leitor. (2014, p.121).

Os documentos também não citam a fonte de informação, esta ocorre apenas quando se menciona que o texto foi transcrito e traduzido de algum

14. *Comunismo Internacional*, fevereiro de 1971.

local específico, geralmente periódico. Sobre tal fato, o autor menciona:

Em Comunismo Internacional, as citações sobre a atuação brasileira no exterior não vinham de jornais brasileiros de grande circulação, como o Globo e a Folha de São Paulo, constantemente citados, mas, pelo contrário provinham de relatórios internos. A divulgação da ação de brasileiros exilados estava sob censura na grande imprensa e essas informações chegavam a partir de relatórios de outras agências ou da imprensa internacional. Não se pode omitir que muitos que muitos governos também colaboraram com a ditadura brasileira fornecendo dados e acompanhando a ação desses brasileiros ou ainda dificultando sua permanência no país. (SAMWAYS 2014, p.181).

Tal aspecto ainda carece de maiores pesquisas. Contudo, é importante mencionar que a colaboração de países considerados democráticos com a ditadura brasileira, em maior ou menor medida variando conforme o país, foi presente. Tal afirmação se justifica a partir das informações encontradas em fichas de exilados, nas quais se percebe que os indivíduos eram constantemente vigiados pelas polícias de países de exílio. Na América Latina, já com várias ditaduras espalhadas, a colaboração repressiva entre os estados teve seu ápice com a articulação da Operação Condor em 1975.

Tendo em vista tais considerações sobre os *Sumários do Comunismo Internacional*, passo a análise das informações produzidas sobre a Argélia, país que recebeu vários exilados brasileiros e, como já dito, possuía uma política de não-alinhamento com a União Soviética e nem com os Estados Unidos.

A Argélia nos Sumários

A Argélia, país do norte do continente africano, tornou-se

independente da França em 1962, após oito anos de violenta guerra de libertação. Após a independência, durante o governo de Ahmed Ben Bella, a Constituição definiu o país como uma “república popular, democrática e socialista.” (CRUZ, 2016, p. 57). Dessa forma, passou a receber militantes de outros países que se articulavam pela independência, tais como Moçambique e Angola, que lutavam por suas demandas, como palestinos e Panteras Negras, e ainda exilados de países latino-americanos, como os brasileiras.

Assim como ocorria com outros países, sobretudo que adotavam uma perspectiva de governo considerada comunista, o que ocorria na Argélia era objeto de preocupação por parte dos órgãos de informação. Contudo, grande parte do que era publicado provinha de traduções realizadas, especialmente de periódicos da Europa Ocidental, e da troca de informações entre embaixadas, sobretudo dos Estados Unidos¹⁵.

De maneira geral o país era visto como um local em que indivíduos tidos como perigosos encontravam-se livres para planejar ações violentas em seus países de origem, objetivando a instalação de um regime comunista. Em dezembro de 1970 encontramos uma reportagem sobre a presença de militantes dos mais variados espaços do globo, intitulada “Argélia: Oásis do Terror”, traduzida de uma revista peruana. O título já é indicativo de uma percepção sobre os indivíduos e o país, pois o oásis é o espaço de descanso e alimento em meio às areias do deserto. Ou seja, após período de dificuldades e perseguição, os grupos lá encontrariam a paz para a sua rearticulação política e militar. No texto são mencionadas as organizações que possuíam atividades no país, dentre elas os Panteras Negras, dos Estados Unidos, a Al Fatah, da Palestina, e diversos grupos de

15. A tese de Fábio Lucas da Cruz (2016) demonstra essa troca de informações.

países africanos que tentavam a articulação para lutar pela independência, como nos casos de Angola e Moçambique. Atenta para o fato de que muitos desses sujeitos não eram bem recebidos em outros locais, como os brasileiros Ladislau Dowbor e Apolônio de Carvalho¹⁶ em uma ida a Suíça para denunciar a ditadura brasileira. Os mesmos haviam sido convidados pela Cruz Vermelha para deporem em relação à tortura que haviam sofrido nos cárceres brasileiros. Da mesma forma critica o governo argelino pelo bom tratamento dispensado aos exilados e diz que as relações com os Estados Unidos estão desgastadas por esse motivo¹⁷. Vários são os pontos que podemos destacar deste texto: o primeiro deles é que a informação não foi produzida pelos órgãos brasileiros, mas sim, traduzido. Não temos certeza se o periódico foi o real produtor ou se o texto foi traduzido de outra fonte, pois não há a indicação. Da mesma forma, mostra preocupação com a concentração de militantes no país, ao mesmo tempo em que tenta desqualificá-los, ao afirmar que não são bem recebidos em outros espaços. Também o fato de que não estariam com boas relações diplomáticas com os Estados Unidos, o que era visto como indicativo dessa proteção às organizações revolucionárias.

Na edição de fevereiro de 1971 também encontramos tal preocupação. O título já é sugestivo - “Argélia: capital mundial da subversão”. O texto em questão também foi traduzido, desta vez de um periódico inglês, Sunday Telegraph, e, dessa vez, aponta a autoria, Lionel Morrison¹⁸. De acordo com o texto:

16. Os militantes, que faziam parte do grupo dos 40, foram convidados pela Cruz Vermelha Internacional para esclarecerem o que ocorria nas prisões brasileiras, em especial com os presos políticos.

17. *Comunismo Internacional*, dezembro de 1970.

18. Não foi possível levantar muitas informações sobre o autor, apenas que era sul-africano militante contra o regime do apartheid. Após ser preso pelo regime segregacionista, transfere-se para Londres onde se torna jornalista e militante da luta antirracista.

A ARGÉLIA, particularmente ARGEL, transformou-se no centro revolucionário do mundo. No decurso dos dois últimos anos, ela recebeu de CUBA esta honra duvidosa, e está repleta de grupos revolucionários, líderes anti-imperialistas, movimentos de 'libertação nacional', emigrados e exilados do "Terceiro Mundo".

Na capital da república popular da ARGÉLIA, encontram-se dúzias de entidades subversivas, reconhecidas como tais, e um sem número de grupos individuais. Todos eles compartilham de um objetivo comum: derrubar os governos dos seus respectivos países por meios violentos. O governo argeliano, através de um departamento especial de seu Ministério do Exterior, fornece-lhes dinheiro, treinamento e simpatia.

Como na reportagem anterior, a preocupação central é sobre a forte presença de militantes do mundo inteiro, os quais possivelmente estariam articulando a tomada do poder nos seus países de origem, de forma que estaria alcançando Cuba em tal apoio. Também atenta para a relação do governo com tais grupos, que seria de apoio logístico e financeiro. Devemos fazer a ressalva que tal relação não ocorria sem percalços, pois o governo argelino, para além do interesse em auxiliar os projetos revolucionários, mantinha relações comerciais com países dos dois blocos. Em 1972, por exemplo, após o sequestro de um avião, os Panteras Negras foram de lá expulsos (CRUZ, 2016). Ou seja, as relações políticas entre os países não eram baseadas apenas no binômio apoiar ou não apoiar. Existem diversos matizes que devem ser levados em consideração. No caso brasileiro, também estavam presentes relações comerciais que interessavam aos dois países. Empresas de infraestrutura, por exemplo, estavam se instalando na Argélia (CRUZ, 2016).

Para além dessa preocupação com a presença de militantes no país, a aproximação da Argélia ora com a União Soviética, ora com a China, também era acompanhada de perto. Tal preocupação se justifica pela

disputa dos dois sobre os países recém independentes, com vistas a obter aliados políticos e econômicos. Em junho de 1970 encontramos a seguinte informação:

Relações da URSS com os países, especialmente Argélia e RAU.

[...] os partidos comunistas indígenas foram banidos, e por esta razão os soviéticos tem se esforçado em ganhar influência na região, nestes últimos anos, através de uma ostensiva ajuda econômica e comercial, que é basicamente concretizada pelo fornecimento de armas, equipamentos, instrução e assistência militar a RAU e a Argélia. (*Comunismo Internacional*, junho 1970).

Em agosto de 1970 há uma matéria que indica a disputa entre a URSS e a China: “Ofensiva sino-soviética aos países do 3ºMundo: Em quinze anos os países que receberam maior ajuda soviética foram a Índia e o Egito, enquanto o Paquistão e a Argélia foram os que receberam maior ajuda chinesa.” (*Comunismo Internacional*, agosto 1970). Já em novembro de 1970 há a menção de que “Governo Revoga Autorização aos Soviéticos Para Utilização de Bases Aéreas e Navais” (*Comunismo Internacional*, novembro 1971). As três informações anteriores demonstram a preocupação do governo da ditadura brasileira em informar a disputa entre tais países. Tal preocupação com a influência de um ou outro pode ser explicada pelo fato de que grupos de resistência brasileiros seguiam concepções teóricas distintas, tais como a soviética ou chinesa. Dessa forma, atentar para tais disputas era também importante para compreender as disputas entre as organizações revolucionárias.

Outra preocupação presente em relação ao país é a articulação de brasileiros lá exilados e as relações que estabeleciam. Miguel Arraes e um grupo próximo criaram, em 1969, um boletim denominado Frente Brasileira

de Informações (FBI)¹⁹, com sede em Argel, cujo propósito era denunciar internacionalmente o que ocorria no Brasil. Os órgãos de segurança denominaram tais iniciativas de “campanha contra o Brasil no exterior”:

A ‘Frente Brasileira de Informações – FBI’, organização financiada pelo MCI com o encargo de dirigir e coordenar a propaganda contra o Brasil na área internacional, realiza a coleta e distribuição de notícias, normalmente enfocando assuntos falsos, distorcidos ou contendo meias-verdades, tudo no propósito de difamar e denegrir a imagem brasileira no exterior. (*Comunismo Internacional*, abril de 1972).

As denúncias de violação de direitos humanos que ocorriam internacionalmente preocupava o governo da ditadura. O texto, portanto, desqualifica tais iniciativas, acusando-as de falsidades, de forma que seriam patrocinadas pelo Movimento Comunista Internacional com a intenção de denegrir a imagem brasileira. Geralmente os autores das denúncias eram vistos como maus brasileiros, que não participavam do projeto de construção do país proposto pelo governo.

Em junho de 1970, com a chegada ao país dos 40 banidos brasileiros após a ação de sequestro do embaixador alemão, a preocupação com as atividades dos militantes passaram a ser objeto de investigação constante. Contudo, não foram divulgadas nos *Sumários*, mas em outros documentos de circulação mais restrita²⁰, pois, a promessa dos órgãos repressivos era que, em caso de nova prisão no Brasil, tais indivíduos seriam sumariamente assassinados. As viagens de militantes uruguaios e argentinos também eram observadas com cuidado. Podemos perceber que a troca de informações entre os órgão de vigilância dos países era existente, mesmo que aqueles

19. Para maiores informações sobre as publicações produzidas no exílio, consultar: ROLLEMBERG, 2002.

20. Como os do Centro de Informações do Exterior (CIEEx).

ainda não estivessem em governo ditatoriais propriamente ditos.

Outros temas também eram objeto de análise nos textos, tais como as visitas de Fidel Castro ao país e a política externa argelina. Contudo, os assuntos tratados de forma mais intensa foram os mencionados anteriormente. Sobre a produção do documento Samways afirma:

Entende-se que Serviço Nacional de Informações cumpriu o seu papel, no que diz respeito à produção de informação. Pode-se afirmar que esta produção ocorreu em excesso, impulsionada por um sentimento de paranoia não somente neste órgão, mas em todo o governo, que via o perigo da subversão em praticamente tudo, na televisão, teatro, cinema, música. (p.81)

Para o autor e, a partir da análise dos *Sumários* corroboramos tal premissa, de que a dimensão dada à “ameaça comunista” era superdimensionada. Tal afirmação pode ser aplicada ao caso argelino, tendo em vista que o país era considerado um espaço de livre circulação dos militantes. Contudo, a partir da análise do contexto daquele momento, a disputa ideológica tinha um papel muito importante, nas relações entre os países. Mesmo assim, como demonstrado, o apoio do governo aos exilados e militantes não era tão irrestrito assim, pois outros interesses, em especial econômicos, estavam em pauta naquele momento. Contudo, a partir da análise do contexto daquele momento, a disputa ideo

Considerações finais

O presente texto buscou analisar um documento produzido pelo Serviço Nacional de Informações no que se refere às informações produzidas sobre a Argélia, denominado *Sumários do Comunismo Internacional*.

Ele foi produzido e difundido entre autoridades no intervalo de junho de 1970 a setembro de 1973, com o objetivo de mantê-los atualizados sobre a atuação comunista pelo globo. Não pretendi fazer uma análise exaustiva de tudo o que foi publicado sobre o país, mas sim, dos temas que mais apareciam e eram objeto de maior atenção. Saliento que o texto, assim como demonstrou Samways (2014), era carregado de um discurso cheio de medo do que poderia ser a presença do chamado inimigo comunista, de forma que a Argélia era encarada como um espaço totalmente em sintonia com os grupos revolucionários.

Percebemos, ante o exposto, que o SNI possuía fontes variadas de informações, de distintas partes do mundo. A maior parte do que se referia à Argélia era produzido fora do país, com exceção das notícias sobre os brasileiros que lá estavam e suas articulações para denúncia do arbítrio, observadas de perto pelos agentes brasileiros. Acredita-se que, pela distância geográfica, os órgãos de vigilância preferiram atuar de forma mais direta nos países próximos e conseguir aliados de outros continentes para que fornecessem dados confiáveis. Como dito, a embaixada dos Estados Unidos no país auxiliou nesse sentido.

O inimigo interno, portanto, estava espalhado e precisava ser combatido em todas as frentes possíveis. Após sua independência, a Argélia se tornou um espaço de acolhida de militantes do mundo todo e os brasileiros, militantes contra a ditadura e agentes da repressão, não ficaram alheios a tal realidade. Por isso, era necessário saber o que lá ocorria e, os órgãos de informação do regime trataram de conhecê-la e manterem-se informados, mesmo que com certa dose de exagero, da sua política interna e externa, bem como dos passos daqueles que lá se abrigaram.

Por fim, é necessário salientar que muito ainda há por se pesquisar nas relações de cooperação internacional entre a ditadura brasileira e

outros países que receberam exilados, especialmente na vigilância sobre tais indivíduos e sua atuação no exterior. Embora a documentação sobre o tema ainda seja escassa, é possível ir, aos poucos e com o cruzamento de fontes, conhecendo como se deu esta relação. O presente trabalho foi uma tentativa inicial nesse sentido, de forma que novos estudos são necessários para o seu complemento.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Nilson. A Doutrina de Segurança Nacional e os governos militares. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. *O Brasil Republicano: O tempo da ditadura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014, p.13-42.
- CRUZ, Fábio Lucas. *Brasileiros no exílio: Argel como local estratégico para a militância política (1965-1979)*. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2016.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: A Conquista do Estado. Ação Política, Poder e Golpe de Classe*. Petrópolis: Vozes, 1981.
- FICO, Carlos. *Como eles agiam – os subterrâneos da Ditadura Militar: espionagem e polícia política*. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. Comunismo e anticomunismo sob o olhar da polícia política. *Locus: revista de história*, Juiz de Fora, v. 30, n.1 p. 17-27, 2010.
- PADRÓS, Enrique Serra Terrorismo de Estado: reflexões a partir das experiências das Ditaduras de Segurança Nacional. In: GALLO, Carlos Artur; RUBERT, Sylvania (orgs.). *Entre a memória e o esquecimento: estudos sobre os 50 anos do Golpe Civil-Militar no Brasil*. Porto Alegre: Editora Deriva, 2014, p. 13- 36.
- ROLLEMBERG, Denise. A imprensa no exílio. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *Minorias Silenciadas: História da Censura no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002, p.451-467.

SAMWAYS, Daniel Trevisan. *Inimigos imaginários, sentimentos reais: medo e paranoia no discurso anticomunista do Serviço Nacional de Informações (1970-1973)*. Tese. (Doutorado em História). Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2014.

YAZBEK, Mustafa. *Argélia: A guerra e a independência*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010.